

PANOPTISMO ÀS INDENTIDADES DE LÉSBICAS CIS: A ESCOLA QUE VIGIA, ROTULA, PUNE E CONTROLA.

Raoany de Souza Ribeiro:
Mestranda bolsista em Educação (UNIOESTE/PR). E-mail:
raoanydesouzaribeiro@gmail.com

Giselli Monteiro Gagliotto:
Orientadora, Dra em Educação (UNIOESTE/PR).
E-mail: giseligagliotto@ig.com

RESUMO

Produção organizada a partir de discussões acerca do fenômeno panóptico nas escolas, sobre o rótulo de lésbicas *cis* para com estudantes do ensino médio; visando contribuir com a produção da pesquisa de dissertação de mestrado, sobre os processos educativos acerca das lesbianidades no ensino médio, tanto na escola do campo, como a urbana. Em suma, este trabalho objetivou problematizar questões desta teoria foucaultiana adaptado à instituição escolar. É urgente pesquisas científicas sobre o tema de lesbianidades na escola, como identidades que politicamente precisam ser visibilizadas, mas ainda, percebidas como todas as outras, bem como, no movimento criativo e infinito de todas elas, junto ao processo de subjetivação de cada uma. A sexualidade é a expressão do corpo, movimentos, ações, logo, regular, disciplinar e normalizar a sexualidade – seria, por conseguinte, controlar o comportamento humano. Neste viés, a ética do fazer pesquisa, não só se apresenta em discussões e reflexões, mas à busca comprometida de apontar possíveis soluções à problemática. Começando por interpretar textos e vivências que podem contribuir com as respostas precisadas. Foi interpretado, que a historiografia foi e é vulnerável, quando se trata de sexualidade, livros foram e são escondidos, queimados e destruídos, tudo em prol de controlar os corpos humanos, para forçar identidades heteronormativas, e esquecer o saber de si, o *cura sui*, o cuidado de si, pela vigília simbólica de uma prisão social perfeita, a torre panóptica.

Palavras-chave: Panoptismo; Identidades Lésbicas; Escola.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa possui como foco as questões de entrelaces entre identidade-diferença-corpo-biopoder-lesbianidades *cis*-escola; sobre a subjugação dos corpos, regulamentação e controle do povo; fomentado pelo biopoder e

Realização:



Apoio:



concretizado pelo efeito panóptico. Foram realizadas leituras específicas com autoras e autores que discutem gênero, corporeidade, subjetivação, identidade, *biopoder*, educação e sexualidade. O conceito panóptico possui como significado base: vigiar e punir, que, será articulado com o ensino-aprendizagem de professores e alunos, junto à reflexão crítica de Diretrizes, Parâmetros educacionais, bem como políticas públicas que compõe a análise do tema.

A escola, no dever educador, organizada por interesses do Estado, e o Estado devendo suprir os interesses do povo. Ora, qual governo brasileiro em sua historiografia o fez de fato? Sobretudo, se não seus próprios interesses econômicos, sorrateiros a diretrizes e parâmetros educacionais ainda arcaicos às demandas das diferenças e da fluidez criativa de processos de subjetivação, gêneros e identidades?

É relevante frisar que também, se lê o Estado, em sistema patriarcal e não somente como discussões de gêneros e sexualidades, mesmo gênero sendo assunto mais antigo e amplo, o panoptismo obedece a uma rede reguladora, material e simbólica a partir de aspirações de quem detém o poder, neste caso, o homem em suas representações de controle através da cultura capitalista. O sentido deste corpo que detém o poder desempenhou maneiras eficazes para o retorno de lucro e retenção, mesmo em microssistemas, como escolas. Quanto tempo de nossas vidas, passamos na escola?

É com certeza um ótimo negócio para fabricação de mão de obra padronizada às necessidades de mercado. Para além de apelos simbólicos de monitoramento a essas adolescentes, mas a ideia de eterna vigília de uma moral sem conceitos ou cientificidade, chamada pelos movimentos de mulheres lésbicas de: *lesbofobia*. A violência com ou sem discurso, ainda é violência, então, essas estudantes jovens, no fervor do desenvolvimento de subjetivação, de prazeres e torturas, processam seus papéis neste grupo.

Mas, e os professores? Qual seria o papel destes, se essa vivência escolar fosse uma orquestra e eles os regentes? Professores em sua orquestra de ensino-aprendizagem as separam em grupos? Menosprezam o som de seus instrumentos? Desligam o microfone? As obrigam a tocar outros instrumentos que não querem? Escutam suas músicas? Reconhecem e valorizam as músicas, independente de

Realização:



Apoio:



qual ou quais instrumentos musicais escolheram? Ensinam a respeitar a criatividade subjetiva de cada estudante? Reduzem-nas a um rótulo de práticas sexuais? Ou ainda se sentem presos à torre panóptica da Coordenação, Direção, Instituição, Sistema Educacional, Estado que vigia, pune e controla, e ainda, projetam e reproduzem suas desventuras sobre os alunos?

Já de antemão, foi discutido também, as questões de padronização de saberes na escola, por aspirações de controlá-lo e coordená-lo, ganhando força com a diminuição do valor de tudo que leve os alunos e professores a pensarem de maneira crítica e intelectual. (GIROUX, 1997), enfatiza o desafio docente de transformação das práticas educacionais.

IDENTIDADES, DIFERENÇAS, CORPO E BIOPODER

“A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez./ Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam./ Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra./ Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia”
(Andrade, 1985)

Drummond de Andrade, através de seu conto A Verdade Dividida, alimenta poeticamente o que Beauvoir produziu em relação à moral da ambiguidade, não como algo dicotômico exatamente, ou binário, e sim sobre o que realmente importa. O Ser diante da morte e da vida, a não limitação do alienado crônico, com percepção pessimista e desistente, sobretudo, fazer algo com o que fizeram da humanidade, é dá importância no processo de liberdade e construção de certo e errado de maneira a visar o bem estar daquele momento, como algo dinâmico e responsavelmente livre, no qual o sujeito deve bancar o seu ser no mundo, em resposta do mundo. Em plenos processos de subjetivação e identidade.

Realização:



Apoio:



Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação. É muito chato ser sempre o mesmo. Nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés da identidade que as pessoas encontram seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal. (FOUCAULT, P. 266, 2004)

Segundo Silva (2003) existe uma identidade, cuja mesma é privilegiada em função de sua diferença. No caso deste estudo, a identidade seria uma pessoa do gênero masculino, heterossexual e a diferença seria uma pessoa com gênero feminino, lésbica. O autor afirma que a identidade só existe se puder ter um ponto referencial de diferença. Acredita também, que é essencial os professores trabalharem com a diferença em sala de aula, explorar a multiplicidade. Silva expõe de forma crítica e questionadora que se todos são idênticos, há um nível de estagnação inviável, encorajando assim, a pedagogia da diferença como algo que flui, que evolui e se transforma, onde a subjetividade não é limitada, ao contrário, é positiva, devido a diferença existir.

Como expressar a subjetividade, a sua diferença no corpo? No primeiro capítulo autora Melo (2004), expõe suas inquietações diante de sua problemática. Trás diretamente (e metaforicamente em letras e imagens na capa do livro com letras espelhadas) com o título de: *Corpos no Espelho: a percepção da corporeidade em professoras*. Entretanto, logo em seguida, no segundo capítulo, realiza a crítica sobre a dicotomia mente e corpo, e diante de seus estudos sobre Merleau-Ponty, bem como concordando com ele, refere que “o sujeito é sempre um sujeito encarnado, como também o são professores e seus alunos na vivência do cotidiano escolar”, ou seja, o “corpo é o seu ‘modo de Ser no mundo’”. (p.42)

O biopoder de Foucault se mostra nestas condições, ele acusa a normatização dos modos de ser e existir nas identidades, diferenças e corpos. O panoptismo, não só divide o mesmo prato do biopoder, como também contrata e demite funcionários que foram obrigados a cozinhar e trazer o banquete a esses misteriosos e tão familiares clientes-patrões.

Tais normas, segundo Foucault (1993); simplificado pelas palavras de Weeks – foram criadas por quatro motivos apontados; “sexualidade das mulheres; a

Realização:



Apoio:



sexualidade das crianças; o controle do comportamento procriativo; e a demarcação de perversões sexuais como problemas de patologia individual”, ou seja, “a mulher histérica; a criança masturbadora; o casal que utiliza formas artificiais de controle de natalidade; e o ‘pervertido’, especialmente o homossexual”.(WEEKS, 2001, P. 52). Para salientar; “As sociedades urbanas, no entanto, ainda apostam muito na escola, criando mecanismos legais e morais para obrigar que todos enviem seus filhos e filhas à instituição e que esses ali permaneçam alguns anos”. Sobretudo, “Essas imposições, mesmo quando irrealizadas, têm consequências. Afinal, passar ou não pela escola, muito ou pouco tempo, é uma das distinções sociais”. Logo, “Os corpos dos indivíduos devem, pois, apresentar marcas visíveis desse processo; marcas que, ao serem valorizadas por essas sociedades, tornam-se referência para todos”. (LOURO, 2001, P.21)

Estas marcas, sobre a Leitura de Weeks (2001, p.51-52) em relação ao biopoder de Foucault, está inserida diretamente no controle dos corpos, da sexualidade, sobretudo, um controle das intersubjetividades de um “eusóciopolítico” diante das instituições que vigiam. Agora instigando o imaginário de quem ler este parágrafo; é convidativo pensar sobre o como essa vigília e punição é atribuída a mulheres que se relacionam homoeroticamente com mulheres?

PANOPTISMO ÀS IDENTIDADES DE LÉSBICAS CIS

“Que o olho veja, sem ser visto [...]”
(BENTHAM, 2008, P. 91)

Lésbicas *cis*¹, que controladas pelo símbolo da vigília, mesmo que o gênero feminino seja de acordo com o que projetaram para ela desde a infância, por ter nascido com vulva, a invisibilidade momentânea não apaga a memória das violências que saem dos corpos de quando o assunto emerge, ou de quando algo lésbiano se torna visível; ele por sua vez, o panoptismo nesta configuração, é uma metáfora de percepção e interpretação de símbolos.

Panoptismo, segundo Foucault (1987), surgiu da reflexão de uma torre, uma das traduções seria como o olho que tudo vê, no sentido da percepção ampla não exatamente da visibilidade do enxergar; assemelha-se inclusive, ao Olho de Sauro

¹ como retrata a psicóloga Jesus (2012, P. 25) cisgênero “pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento” e também para identificar os seus privilégios frente a pessoas trans*.

Realização:

Apoio:

do Senhor dos Anéis – Retorno do Rei, não tão antigo, quanto o olho de Hórus, sem pálpebras, como onisciência; um saber infalível e eficaz. A história do Egito antigo e da contemporaneidade representam símbolos do saber para fins de controle e punição, Foucault (2006), sobre a metáfora do olho em Sócrates, revela esta parte do corpo como o *religare*, como literalmente os dizeres egípcios de que olhos são janelas da alma, e o complemento de Leonardo da Vinci, de que também são espelhos do mundo; porque não, olhar para si mesmo?.

Para Geertz (2008) a concepção de que a cultura é dinâmica e produzida constantemente, e, apesar de seu exemplo mecanicista, de que recebemos muitos softwares sociais, que nos são impostos quando nascemos e percebemos o mundo de acordo com este software, neste projeto também é considerado a não passividade do sujeito como algo de fora para dentro, e sim que somos sensíveis ao outros e às coisas, assim como as outras e as coisas são sensíveis a nós.

Quem está submetido a um campo de visibilidade, e sabe disso, retoma por sua conta as limitações do poder; fá-las funcionar espontaneamente sobre si mesmo; inscreve em si a relação de poder na qual ele desempenha simultaneamente os dois papéis; torna-se o princípio de sua própria sujeição. Em consequência disso mesmo, o poder externo, por seu lado, pode-se aliviar de seus fardos físicos; tende ao incorpóreo; e quanto mais se aproxima desse limite, mais esses efeitos são constantes, profundos, adquiridos em caráter definitivo e continuamente recomeçados: vitória perpétua que evita qualquer defrontamento físico e está sempre decidida por antecipação. (226, Foucault, 1987)

Os símbolos de punição e vigília na escola perpassam pela ordem do discurso, na qual contagia tanto com a comunicação excessiva, tanto quanto aquela, cuja língua foi cortada. Para ilustrar tal ponto de vista foucaultiano, iremos metaforizar os mitos de Hermes e Tácita.

Mesmo, Foucault (2006), em *A Hermenêutica do Sujeito*, seu último curso de 1982, utilizou-se da etimologia da palavra, como sentido de aprofundamento de si, pois que estamos superficiais. No sentido de que, o sistema se importa com nossos corpos, aquilo que externaliza, não com o sujeito em si, assim como o outro se importa se a menina está com “roupas de menino”, age “como menino”, e não o que ela sente com isso, como ela está de fato. Sempre, o que é bom, mesmo na filosofia, é referendado no masculino.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Hermes, o Deus de origem incerta se é Grega ou romana, mensageiro de Zeus e de outas deusas e deuses, Deus dos comerciantes, dos discursos, da comunicação, aquele que sabe; o sábio. Tácita, também de origem incerta, Deusa do silêncio e da virtude, deusa dos lares e fertilizadora de terras, seu outro nome também é Lara, do grego, uma ninfa que por informar a traição do Deus Júpiter, o mesmo, tirou sua língua, a tornando muda.

Não surpreende o falante, o comunicador, o honroso e confiante Hermes, está na figura masculina, e a Deusa Tácita, ou a ninfa associada à Deusa, sejam virtuosas por ficarem caladas, caso contrário, são obrigadas e severamente punidas ao implícito. Consideradas rainha dos lares e fertilizadora da terra. O que lembra a História da Sexualidade I, de Foucault, quando o início do patriarcado nasceu, mulheres dentro de casa, fertilizando a terra, o que antes era sagrado e importante, agora como uma função subalterna e escrava. Silenciadas a força do Biopoder, por teias que fortalecidas, que seduzem e prendem as presas para consumi-las até a morte.

Então, o que antes era sagrado, como um silêncio sábio de tácita, hoje, torna-se adjetivo de “Implícito; que está subentendido e, por isso, não precisa ser dito; que não se pode traduzir por palavras. Oculto; que não se mostra. Não expresso de modo formal” e antônimo é “expresso, dito, falado”. (Dicionário Online de Português, 2017). A história é construída pelo interesse de quem? De onde vem os discursos? Quais influências históricas, inconscientes, pesam neste discurso? O silêncio não tem conteúdo? Dependendo de como a história é contada, o *status* da memória, o julgamento dos monumentos orais, o discurso movimenta atitudes e sentimentos reais resultantes da intenção por trás de quem conta, descreve, interpreta, ideologiza.

GÊNERO SOCIAL – GÊNERO ESCOLAR

Foucault (1977b) resgata as funções do corpo da sexualidade e de onde transformou do matriarcado para o patriarcado; justo pela necessidade de se passar as posses ao primogênito, colocando mulheres como “essencialmente” domésticas; cuidadoras do lar e dos filhos herdeiros. Deste início, guerras ideológicas e materiais tornaram-se mais fortes, e, cada vez mais, os padrões estabelecidos por quem detém o poder, se torna critério de segurança social, bem estar social; ética e

Realização:



Apoio:



valores de família sagrada. Desta maneira, a preocupação com a procriação e a higiene, ganharam corpos e a sexualidade, tornou-se prática sexual para procriação monogâmica.

Antes, o trabalho era essencial, pós-segunda guerra mundial, modernidade, pós-modernidade, o estudo passou a ser deveras importante diante das necessidades econômicas. Para isto, foi acoplado supressão do comportamento sexual considerado pervertido, pois este distrai do foco principal. Tornar-se mão de obra qualificada para o mercado, saudável ou não, e só.

O sexo é atualizado, entende-se pela autora Judith Butler, o sexo, como a expressão sexual, que é regulada por um ideal de controle produtivo, bem como materializado no corpo, nos fazeres e nas relações, de maneira dinâmica, pois a hora que quiser voltar a atrás, pode se rearticular e se refazer quando quiser, diante das necessidades econômicas. O gênero, então, entra nesta performance de materialidade do corpo, é que

As normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual. (BUTLER, p. 154, 2001)

O corpo e a materialidade do corpo como um “efeito de poder”, assim como o gênero, não se pode tê-lo “como um construto cultural que é simplesmente imposto sobre a superfície da matéria” (p.154) Desta maneira, o sexo, que é entendido na sua heteronormatividade, essa matéria desse corpo, limita-se a uma norma reguladora de materialização desse corpo.

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, p. 155, 2001)

Essa “dinâmica de poder” (p.155) estão escravizadas “a significação daqueles efeitos materiais”, agora o sexo como uma “norma cultural que governa a

Realização:



Apoio:



materialização dos corpos”, e não algo artificialmente imposto para o gênero, destes processos, desta maneira. Surge às identificações, o repúdio de si, diante daquilo que é colocado não somente pelos discursos, mas por símbolos que circulam em todos os grupos humanos.

Em muitas das pesquisas recentes sobre a sexualidade e a conduta sexual, essa ênfase na organização social das interações sexuais, nos contextos nos quais as práticas sexuais ocorrem e nas complexas relações entre significado e poder na constituição da experiência sexual, tem levado, então, a um novo foco na investigação de variadas “culturas sexuais”. A atenção da pesquisa tem mudado crescentemente, do comportamento sexual em si e por si mesmo, para os espaços culturais nos quais ele tem lugar e para os papéis culturais que o organizam (DAVIS E WHITTEN, 1987; PARKER, 1991; HERDT, 1997). Tem-se enfatizado, especialmente, a análise das categorias e dos sistemas de classificação culturais nativos que estruturam e definem a experiência sexual em diferentes contextos sociais e culturais (PARKER, 1991, 1994; PARKER, HERDT E CARVALHO, 1991). (PARKER, p.132 – 133, 2001)

Diante desses diversos contextos, a escola, como instituição, também é um espaço em que esses corpos habitam, principalmente com as influências políticas, pelo viés da vigília e da punição, assim como prisões, igrejas etc (Foucault, 1987). Tais vias reguladoras, assombram aspectos da verdade, como certo errado, a moral de si, e a moral social “Uma tal moral é ou não é um individualismo? Sim, se com isso entendermos que ela concede ao indivíduo um valor absoluto e que só nele reconhece o poder de fundar a sua existência”. (BEAUVOIR, 2005, p. 125), e ainda,

Ela é individualismo no sentido em que as sabedorias antigas, a moral cristã da salvação, o ideal da virtude kantiana também merecem esse nome; elas se opõem às doutrinas totalitárias que elevam para além do homem a miragem da Humanidade. Mas ela não é um solipsismo, uma vez que o indivíduo só se define por sua relação com o mundo e com os outros indivíduos, ele só existe ao

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



transcender-se e sua liberdade só pode ser realizada através da liberdade de outrem. Ele justifica a sua existência por um movimento que, como ela, irrompe de seu próprio cerne, mas desemboca fora dele. (BEAUVOIR, 2005, p. 125)

Diante da crítica de Beauvoir contra as concepções de moral de Kant acerca das mulheres, do dever, da liberdade, da inferioridade por uma ideia misógina do feminino, sobretudo, se a mulher é limitada em sua existência, como poderia ter liberdade? Este questionamento lembra-me que muitos filósofos são citados como deuses na academia, no dia a dia, e quando professores de filosofia são perguntados, sobre o que pensadores como Kant, Hegel, Platão e até mesmo para professores adeptos de Marx, escreveram sobre as mulheres; não sabem, não sabem responder, não estudaram sobre, ora, me lembra do questionamento das autoras Godinho, Silveira (2004): “Conheço professores de filosofia que consideram que não é relevante sabê-lo. Haveria que ver se realmente não tem importância o que se disse sobre a metade da humanidade [...] (p.15)”.

A invisibilidade do gênero feminino engloba suas partes na sexualidade, diante do desconhecimento de si, pela voz do homem, aquele que tem o poder dos conceitos, das escritas, da ciência; afinal, quantas teóricas se estudam no ensino básico e no superior? Quantos teóricos? Quais são considerados como principais? Até mesmo na formação de psicologia e suas quatro principais abordagens no Brasil: Psicanálise, Comportamental, Humanista-Existencial (Gestalt e Abordagem Centrada na Pessoa) – exatamente nesta ordem de importância considerada pelas academias – a graduanda ou graduando escutará nomes como: Freud, Skinner, Perls e Rogers?

A maioria do curso feito por mulheres, estudando homens que falam de humanidade, homens que falam minimamente do gênero feminino e dessas diferenças de corpo e cultura. Raro, pois, saber que a Gestalt, por exemplo, não foi feita apenas por Perls, e sim por sete pessoas, sendo uma delas, mulher, chamada Laura Posner. Sobretudo, a questão ambígua entre erros e acertos, êxito e fracasso, principalmente o fracasso, pode ser ressignificada, a tornar consciência, ao invés de acomodar e fugir da liberdade do saber.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Desta maneira, Beauvoir, em *A Mulher Desiludida*, reforça em sua preocupação com seu peso, diante do discurso do outro: “menos eu me reconheço em meu corpo, mais me sinto obrigada a me ocupar com ele”. Em contemplação ao pensamento, Clarisse Lispetor, ressalta que “Sou cada pedaço infernal de mim.” Desta maneira, é ir à busca, desvelar, permitir-se, ser sem ter obrigação de ser, desconstruir, apenas por desejar existir.

A crítica que Jacondino (p. 25, 2006) realiza sobre a maneira determinista e progressiva das atividades políticas na educação, se faz de caráter epistemológico conceituado no corpo e na identidade desses sistemas, destacando as “contradições, incongruências e a hipocrisia sociais” em contraponto ao rotineiro discurso supostamente “ético, crítico e politicamente progressista.” Desta maneira, “corpo, natureza e cultura se interpenetram através de uma lógica recursiva. O que é biológico no ser humano encontra-se simultaneamente infiltrado na cultura. Todo ato humano é bio-cultural”. Percebe-se então que o estudo da corporeidade está diretamente associado a uma complexidade existencial e educativa. (JACONDINO, p. 33, 2006)

Alimentado pelas concepções de Morin (1973) o autor Jacondino (2006), conclui que essa complexidade existencial perpassa pelo corpo, cultura e educação, nesta inter-relação das partes no todo, pelo todo. “Uma das formas de analisar as relações entre educação e corporeidade é a partir dos modelos educacionais predominantes e seus cernes antropológicos”. Entretanto, “ainda antes de estabelecer esta relação, é importante explicitar que o que entendo por corporeidade: uma instância bio-psico-energética e bio-social inserida num contexto sócio-ecológico determinado” [...](JACONDINO, p.9, 2006)

“Nesta perspectiva, entender a corporeidade significa, por um lado, reconhecer que o homem é mais do que mente, entendida tradicionalmente como a parte privilegiada (racional) deste mesmo homem” (JACONDINO, p.9, 2006). Jacondino escreveu questões sobre o corpo, epistemologia, identidade, educação e cultura, tomando como base as teorias de Assmann (1994), assim como o senso crítico de Foucault na obra *Vigiar e Punir* e argumentos advindos da dialética, que, se aproximam do corpo deste trabalho dissertativo. Ele considera tanto os aspectos biológicos, energéticos, que seria o intuitivo, ambientais, no sentido ecológico,

Realização:

Apoio:



considerando o clima, por exemplo, como calor, quente, húmido e seco, no sentido de influenciar o corpo o comportamento o grupo, assim como os aspectos sociais, históricos e culturais.

com a *História da sexualidade*, uma "nova fórmula", a saber, emergência do sujeito nas práticas de si. Desta feita, o sujeito se autoconstitui ajudando-se com técnicas de si, no lugar de ser constituído por técnicas de dominação (Poder) ou técnicas discursivas (Saber). Estas técnicas de si são assim definidas: "procedimentos que sem dúvida existem em toda civilização, propostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isto graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por Si"¹¹. (FOUCAULT, P. 620, 2006)

Na pesquisa de Bernardi (1985) a escola é dessexualizada e dessexualizante.

Uma vez, que esta instituição admite realizar a Educação Sexual, no entanto, estaria repassando "uma informação desencorajante e enfadonha, acompanhada de normas que visam salvaguardar as instituições" (p. 29), de fato, não está. Diante disso, reprovações a essa postura castradora e superficial são tantas e nos fazem perceber o quanto à transversalidade não alcançou os objetivos propostos inicialmente.

E ainda, nos dias atuais (2016 – 2017), surgiram vários projetos de leis que tiram a autonomia dos professores quanto ao assunto sexualidade; deturpam teorias realizam leituras propositais diante de lentes dogmáticas, para fins de inspeção, em que o estado aprisiona o professor, o professor aprisiona o aluno, em um ciclo sem porta de saída, com antigas promessas de "estado novo", mas com a intenção descarada de cortar direitos dos pobres, controlá-los, monitorá-los, puni-los, mas principalmente, que tudo isto seja útil e que recolha lucros, para que a sociedade alcance a felicidade plena. Benthon (2008), o criador da torre panóptica, antes, sofria *Bullying* na escola, como um *nerd* não popular de filme americano, cria então, genialmente, prisões, hospitais e escolas que possam, através de rígida inspeção, alcançar êxito de excelência produtiva. O objetivo do princípio da inspeção é [...] fazer não que eles *suspeitem*, mas que eles estejam *certos* de que seja lá o que fizerem será sabido[...]. (BENTHAN, 2008, P.83)

Ora, pois, tão atual, quanto à mídia revela sobre as intenções como reforma do ensino médio, reforma trabalhistas, cortes na saúde, porém, otimização dos

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



atendimentos e cortes de bolsas diversas para pessoas com renda baixa ou sem renda.

CONCLUSÃO

É importante salientar que, a escola tem como papel principal para com os educandos, quanto à Educação Sexual, a necessidade de fornecer informações que supram essa carência desde a infância, a mostrando de uma forma clara e objetiva, sem falsos pudores, que problematize não só a respeito da sexualidade, mas da sua saúde em geral, com a finalidade de ajudar a tecerem sua própria identidade sem culpa, vergonha e/ou mal estar, como sujeitos que consigam pensar por si próprios, de forma crítica e social, assim como serem capazes de planejar critérios morais e analisarem seu contexto, combatendo o biocentrismo e ideologias institucionais.

O governo capitalista não precisa de sujeitos críticos, e sim de sujeitos com conhecimentos específicos para que trabalhem nas áreas que o mercado de trabalho esteja precisando, para alimentar o sistema capitalista e não o intelecto, e ainda, selecionar os pobres para realizar trabalhos mais braçais e técnicos e os mais ricos, para que sejam os intelectuais, inclusive para que gerem conhecimento para o próprio interesse de aumento do lucro.

As redes normalizadoras; uma delas sendo a escola – padroniza e adocece os processos de subjetividades, causando efeitos devastadores no existir do sujeito. Dificulta o que Foucault chama de *Epiméleia heautoû* ou em latim *cura sui*, ultrapassar esses aspectos de si e ir para além da estética em que o *conhece-te a ti mesmo* de Platão, seja não só o saber de si, ou ir a busca da verdade, mas o cuidado de si, esse encontro, estratégias e meios de curar e se proteger das importâncias do biopoder.

As redes sociais, por conseguinte, também viraram verdadeiros confessionários de pensamentos, acontecimentos e opiniões sobre as mais diversas ocorrências sociais, mecanismos tecnológicos astutos de vigilância e controle, que fazem o sujeito, voluntariamente emitir relatórios da vida pessoal, crenças e opiniões sobre tudo que é levantado como tema nestes fios condutores de comunicação por vezes crítica, mas em sua maioria alienante, como fábrica de pessoas viciadas num mundo virtual, esquecidas das relações diretas e afetivamente concretas. O

Realização:



Apoio:



distanciamento, o encarceramento ou isolamento, também faz parte da estratégia panóptica de controle.

Em oposto a essa frieza ou distanciamento vivencial pelo virtual, existe a busca de si, da ética e da verdade, que vem através da cultura da historiografia, cuja arte é viver e pintar a história do mundo. Sobretudo, a tinta do pincel, da pena, ou da caneta foi e é deturpada, escondida, destruída e moldada a interesses econômicos, principalmente para construir identidades normalizadoras antagônicas, de herói e vilão, forte e fraco, bem e mal, branco e preto, homem e mulher, adulto e criança, heterossexual e homossexual, gay e lésbica, feministas e feministas *trans*; dentre outras dicotomias limitantes de identidades que se constroem pelo desespero de sobrevivência, importantes para lutas políticas e conquistas de direitos, mas aquilo mais íntimo, o subjetivo, o sentir, o prazer, o desejo; são de possibilidades infinitas.

Todavia, consideramos que ainda estamos nas migalhas de sentir menos dor, de escolher o “menos pior”, de subjugar-se a corpos que machucam professorxs, alunxs, mulheres, negrxs e meninas que sentem prazer erótico com outras meninas. Esta torre panóptica pode ser derrubada, assim como o muro de Berlim, através de investimentos em pesquisas de campo que abordem estas temáticas, políticas afirmativas para possíveis inclusões de estratégias de ensinos para uma educação emancipatória.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Carlos Drummond. **A Verdade Dividida**. In. *Contos Plausíveis*: José Olympio, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. A experiência vivida. 2.ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967f.

_____. **Mulher Desiludida**. Título do original: *La femme rompue*. 1968. Tradução de HELENA SILVEIRA. Difusão Européia do Livro. Rua Bento Freitas, 362.

_____. **Moral da Ambigüidade**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes, RJ: Nova Fronteira, 2005.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que Pensam**: Sobre os Limites Discursivos do Sexo. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.) 2 e., p. 126-151, – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/tacito/>>. Acessado em 19/03/2017.

Realização:



Apoio:



FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. M.T.C. Albuquerque e J. A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977b.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Ed. estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros ; tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIROUX, Henry. Professores como Intelectuais Transformadores i: **Os professores como Intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 157-164.

JACONDINO, E. Nunes. **Sobre o Corpo**: Epistemologia, identidade, educação, cultura. Cascavel/PR, 2006.

JESUS; Jaqueline G. de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Goiânia: Ser-Tão, 2012. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 4 jul. 2012.

LOURO, Guacira (Org.). **Pedagogias da Sexualidade**. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.) 2 e., p. 7-34, – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WEEKS, Jeffrey. **O Corpo e a Sexualidade**. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Tomaz Tadeu da Silva (Trad.) 2 e., p. 35-82, – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ABSTRACT

Production organized from discussions about the panoptic phenomenon in schools, about the lesbian label for high school students; in order to contribute to the production of the dissertation research, about the educational processes of lesbianidades in high school, both in the school field, such as the urban. In short, this work aimed at discussing issues of this foucaultiana theory adapted to the school institution. There is an urgent need for scientific research on the topic of lesbianidades at school, as identities that politically need to be visibilizadas, but still, perceived as all the others, as well as in creative movement and infinity of all of them, by the process of subjectivation. Sexuality is the expression of the body, movements, actions, so regular, discipline and normalize sexuality – would therefore control human behavior. This bias, the ethics of research, not only presents itself in discussions and reflections, but the search point solutions to engaged problem. Starting with interpret texts and experiences that can contribute to the answers needed. Was played, that the historiography was and is vulnerable when it comes to sexuality, books were and are hidden, burned and destroyed, all in favor of controlling human bodies, to force heteronormativas identities, and forget himself, the cure sui, the care of themselves, the symbolic social prison vigil the panoptic Tower.

Keywords: Panoptism; Lesbian Identities; School.

Realização:



Apoio:

